

O discurso profético de Miqueias em meio à violência e opressão e sua relevância para a atualidade

*Luiz Alexandre Solano Rossi**
*Ivanilza Belmiro Erdos***

Resumo

A mensagem do profeta Miqueias é presente e atual. Por meio da mensagem dele é possível iluminar a nossa realidade. Afinal, mesmo que estejamos separados por considerável distância cronológica, histórica, sociológica e política, é possível iluminar a realidade presente a partir das preocupações do profeta Miqueias. Nesse sentido, procura-se demonstrar, a partir do contexto atual, a importância da preocupação com o próximo vulnerável e sofredor e sua defesa necessária e imprescindível. Além de tudo, mostra-se que a dignidade e respeito pela vida assim como a preocupação pela promoção da vida são mandamentos de Deus.

Palavras-chave: violência; opressão; solidariedade; profetismo; hermenêutica.

The prophetic discourse of Micah amid violence and oppression and its relevance for today

Abstract

The message of the prophet Micah is present and current. Through the message it is possible to illuminate our reality. After all, even though we are separated by considerable distance chronological, historical, sociological and political, can illuminate the current reality from the concerns of the prophet Micah. Accordingly, we seek to demonstrate, from the current context, the importance of concern for others vulnerable and suffering and his defense necessary and vital. After all, it is shown that the dignity and respect for life and concern for the promotion of life are God's commandments.

Keywords: violence; oppression; solidarity; prophecy; hermeneutic.

* Professor-adjunto no Mestrado em Teologia da PUCPR. Pós-doutor em Teologia (Fuller Theological Seminary) e em História Antiga (Unicamp). E-mail: luizalexandrerosi@yahoo.com.br .

** Mestre em Teologia pela PUCPR. E-mail: ivanilza@erdos.com.br .

El discurso profético de Miqueas en medio a la violencia y a la opresión y su relevancia para hoy

Resumen

El mensaje del profeta Miqueas está presente y actual. A través del mensaje de Miqueas es posible iluminar nuestra realidad. Después de todo, a pesar de que están separados por una distancia considerable cronológica, histórica, sociológica y política, es posible iluminar la realidad actual desde las preocupaciones del profeta Miqueas. En consecuencia, tratamos de demostrar, desde el contexto actual, la importancia de la preocupación por los vulnerables y la defensa necesaria y vital. Además, se demuestra que la dignidad y el respeto por la vida y la preocupación por la promoción de la vida son los mandamientos de Dios.

Palabras-clave: violencia; opresión; solidaridad; profecía; hermenéutica.

Introdução

O que mais chama a atenção no papel primordial dos profetas bíblicos é sua persistência em meio à crise. Eles enfrentam os obstáculos, encaram as situações adversas e assumem a posição de ser porta-voz de Deus. Enquanto que a liderança tenta ocultar os problemas, os profetas os desmascaram e os põem à existência, fazem suas críticas e chamam a mudanças. Soares (1987, p. 23): afirma que

[...] os maiores profetas hebreus surgem todos naquele arco de tempo que se abre e se fecha em torno das duas grandes crises da nação: a queda do Reino do Norte sob os Assírios (Amós, Oséias, Miquéias, Isaías), e a queda de Jerusalém sob o poder dos Babilônios (Jeremias, Sofonias, Ezequiel, Dêutero-Isaías) e sob a dominação estrangeira (Profetas pós-exílicos).

O profeta não pode ser considerado somente como se fosse um reformador religioso, ele está inserido na luta política de sua comunidade. As suas críticas e denúncias têm caráter político. Ele está preocupado em reformar as estruturas antigas que trazem ao povo a opressão e mostrar novos horizontes. Sua preocupação é alertar as lideranças que estão no poder, de que se esqueceram das causas públicas, deixaram de lado a causa do povo e buscaram somente os interesses próprios. O profeta se insere na luta contra a violência que a liderança apoia e, muitas vezes, são os participantes no sistema de opressão, com um sistema tributário com duros impostos que levam o povo a se afundar em problemas, dívidas perdendo seus bens e ficando à mercê de líderes corruptos.

O profeta assume a posição de defensor. Ele defende somente aquele a quem ninguém defende, assume a causa do oprimido, faz opção de ficar do

lado do vulnerável. Ele sofre todas as afrontas perante a sociedade detentora do poder, mas não desiste e segue em seus gritos por justiça. Informa com veemência a situação dos detentores do poder político, econômico e religioso. Mostra suas faltas e pecados diante da comunidade que necessita de amparo e daqueles nada fazem, ou seja, não cumprem o verdadeiro papel para o qual foram designados, ou seja, de defesa e promoção de uma vida melhor para a sua comunidade. Ao invés disso, abusam do poder concedido e enriquecem seus bolsos com o trabalho duro do povo, deixando-o cada vez mais vulnerável e sem forças para lutar por uma vida mais digna e justa (SOARES, 1987, p. 25). O profeta comprometido com as causas de seu povo é aquele que tem intimidade com Deus, possui uma experiência pessoal e profunda com Ele. Sua força consiste em combater sempre na defesa e na independência e liberdade do povo.

Por tudo isso, o profeta comprometido necessita conhecer Deus e estar em conformidade com a sua vontade. Precisa assumir a posição de defensor e lutador da causa dos oprimidos. O profeta precisa ser reto e respirar retidão e justiça e, ao mesmo tempo, praticá-las.

Contexto histórico e socioeconômico em Miqueias

Para Maillot e Lelièvre (1980, p. 23-25), Miqueias e todos os profetas são produtos do seu tempo, situam a mensagem no tempo em que vivem e, para compreender o profeta, é necessário conhecer sua história. É a palavra transmitida diretamente de Javé para o seu povo. O profeta, além de conhecer a aliança entre Deus e seu povo, é o historiador da mesma.

Não se sabe muito sobre Miqueias, porém o impacto de suas mensagens foi de grande valor. O significado de seu nome é: “Quem é como Iahweh?” Foi contemporâneo de Isaías e seus ministérios começaram praticamente juntos, estendendo-se até o reinado de Ezequias (Jr 26.16-19). Sua mensagem profética, devido a sua origem humilde por nascer na aldeia de Moreset, foi contra os abusos socioeconômicos. A situação dos moradores da aldeia era marcada pela opressão e violência por parte dos governantes de Jerusalém. Uma situação que a seus olhos parecia a mesma de Samaria e que, por isso mesmo, merecia igual juízo de Deus (1.2-9). Miqueias, por estar com os moradores, viu de perto homens gananciosos desapropriando o pobre (2.1-9); os governantes revestidos de corrupção, praticando injustiças e enorme crueldade opressora (3.1-3,9-11) e, se não bastasse, o clero permanecia calado, temendo por suas vidas (3.5,11). Contra tudo isso é que Miqueias pronuncia palavras proféticas de condenação, alertando os governantes que, devido a essa corrupção, estavam violando os preceitos da aliança estabelecida por Iahweh (BRIGHT, 2003, p. 355).

De acordo com Sicre (2008, p. 276), Moreset era uma aldeia situada em Judá (1.1), a aproximadamente 35 quilômetros a sudoeste de Jerusalém, tendo ao seu redor as cidades de Azepa, Soco, Adulam, Maresa e Laquish. Nesse ambiente camponês, provavelmente, o profeta convivia com os pequenos agricultores e sentia de perto os problemas dos mesmos na questão bem forte do latifundiarismo. A circulação de militares e funcionários do rei na área era frequente (1.8-16), o que não trazia benefício algum para os moradores de Moreset, pois, a partir deles, impostos eram cobrados e trabalhadores eram recrutados para levá-los a Jerusalém, conforme relatado em Miqueias 3.10 que nos diz: “Vocês estão construindo Jerusalém, a cidade santa, sobre um alicerce de injustiças e de crimes de sangue”.

A mensagem de Miqueias a partir de seu contexto

Miqueias profetizou numa época de muitas mudanças na Palestina. A Assíria, a Babilônia e o Egito eram os inimigos de Israel e passavam por momentos de declínio. No reinado de Jeroboão II, o Reino do Norte estava num ponto elevado de importância política. No reinado de Azarias, Judá começa a gozar papel de potência econômica. Nessa mesma fase de mudanças, acontece o reavivamento religioso de Ezequias e a importância econômica de Judá cresce em meio a essas mudanças. Foi um período de grandes mudanças sociais que teve como consequência a migração da população rural para Jerusalém. Migrantes que estavam em busca de estabilidade econômica! Contudo, ao invés de encontrar o que procuravam, eles estavam sendo explorados, perdendo suas casas e terras e, com tudo isso, crescia assustadoramente a opressão. Miqueias reage a tudo isso conclamando e lembrando as autoridades de Judá que a aliança feita com Deus exigia muito mais que somente práticas religiosas. Eles estavam se esquecendo da solidariedade (BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2006, p. 155,156).

Para Bright (2003, p. 327), quando a Assíria resolveu transformar-se num grande império, a repercussão foi desastrosa. Ela desabou como uma tempestade forte sobre os pequenos povos. O Reino do Norte, diante dessa tempestade, transformou-se em ruínas e Judá, no entanto, sobreviveu por mais um século e meio às investidas da Assíria. A ambição da Assíria era possuir as terras além do Eufrates, tanto pela madeira valiosa e recursos minerais quanto também por ser a porta de entrada para o Egito, Sudeste da Ásia Menor, e ainda a rota comercial para o Mediterrâneo. Foram organizadas muitas campanhas ao longo desse tempo, com a finalidade de conquistar esses objetivos. Quem inaugurou esse período foi Teglath-Falasar III (745-727), um líder enérgico e capaz, com a tarefa de reafirmar o poderio assírio contra os povos das redondezas, objetivos que, com o tempo foram conquistados.

Para conhecer o profeta Miqueias e a mensagem por ele entregue, Zabatiero (1996, p. 13-14) afirma que é necessário conhecer a história e a sociedade da época em que a profecia foi proferida, “pois a profecia bíblica nasce da vida do povo”. Nessa primeira metade do século VIII a.C., Judá e Israel viviam um momento de crescimento econômico e político devido ao controle das rotas do comércio internacional e também à liberdade que tinham em relação aos impérios estrangeiros. Por volta de 740 a.C., o império assírio começou a viver um período de glória e, então iniciou a luta pelo controle da Síria-Palestina. Aproximadamente em 734 a.C., foi feito um acordo antiassírio, sob a liderança de Rasin, de Damasco, Israel entrou nessa coalizão e fizeram esforços para que Judá participasse também. Porém, Acaz, rei de Judá, não entrou na coalizão antiassíria e, por isso, sofreu represália dos sírios e israelitas. Acaz pediu ajuda do rei da Assíria, Teglat-Falasar, que se prontificou a ajudá-lo, conquistando Damasco e uma parte do território israelita. Mas essa ajuda custou caro para Acaz que, em troca, teve que pagar tributo aos assírios e, com isso, Judá tornou-se um vassalo do Império Assírio, conforme relata 2Reis 16.1-18. No ano de 722 a.C., depois de muita resistência antiassíria, Israel foi tomado e a cidade de Samaria foi conquistada pelos assírios (2Rs 17.5-23).

Baker, Alexander e Sturz (2006, p. 162-164) afirmam que as relações de dominação da Assíria sobre o reino do norte e do sul causaram grandes estragos, enfraquecendo o poder, além de se submeterem a pagar pesados impostos, levando também o povo às mesmas cargas tributárias. No ano de 714 a.C., Ezequias iniciou uma revolta contra o poder dominador assírio que estava sob o comando de Senaqueribe, o qual, por sua vez, ataca ferozmente numa campanha de dominação, devastando territórios e destruindo cidades de Judá, porém não tomou Jerusalém, conforme relato de 2Reis 18.3–19.37.

Para Liverani (2008, p. 191-192), o restante do reinado de Ezequias e quase todo o longo reinado de seu filho Manassés (687-642), Judá permaneceu tributário da Assíria, ficando ainda alguns Estados pequenos por provincializar pelo império assírio, dentre eles, a própria Judá, Amon, Moabe e Edom na Transjordânia, Gaza e Ascalon na Filisteia. O império assírio contentava-se ainda com o tributo que era pago, assegurando uma “pax assíriaca”. O império estava apenas dando um tempo de paz, porém as intenções de conquista focalizavam-se na direção do Egito. Quando uma região era conquistada e provincializada, o prejuízo causado era de grandes proporções, conforme Liverani (2008, p. 191) afirma:

as cidades eram destruídas, vilas incendiadas, colheitas e gado saqueados, árvores frutíferas e vinhedos cortados, habitantes massacrados e o ‘resto’ deportado. A

insistência e o regozijo das narrativas podem fazer parte de uma ‘propaganda do terror’, mas não há dúvida de que as operações de guerra (com efeitos diretos e colaterais), a presença do exército inimigo, a conquista, as destruições, o saque traduziam-se em prejuízos enormes para a população e a economia locais. As cifras de mais de 40 mil deportados de Israel e de cerca de 200 mil de Judá, fornecidas pelos anais assírios, parecem realistas (para outras zonas mais populosas há cifras bem maiores) e dizem respeito a um substancial percentual da população.

Constata-se que, com as deportações de suas terras para outros lugares, o povo enfrentava mudanças bruscas, além do que, tinham que se adaptar ao contexto, tanto religioso, como econômico, social e político. No percurso, muitos morriam e, muitas vezes, deportavam famílias inteiras, comunidades homogêneas, para manter alto o moral, a vontade de trabalhar e viver (LIVERANI, 2008, p. 194).

Pixley (2008, p. 66) salienta que as práticas do imperialismo assírio quando o mesmo “incorporava um reino avassalado como província” era de promover movimentos importantes de população. Nomeava-se um governador assírio no lugar dos líderes removidos, colocando outros que outrora foram retirados de outras zonas já conquistadas. Essas práticas eram comuns nesse movimento de deportação dos povos conquistados. Isso foi o que ocorreu com Israel, conforme registrado em 2Reis 15.29; 17.24. Com esse ato, desarticulava-se a vida nacional, permanecendo nas cidades uma população urbana com línguas e costumes diferentes do povo camponês. As províncias, no entanto, continuaram de alguma forma, fazendo parte da comunidade judaica.

Lopes (2010, p. 52) relata que o Reino do Norte e o do Sul sofriam diante do domínio militar da Assíria. Judá possuía cidades fortificadas e as mesmas já estavam sob o domínio assírio. Os impostos cobrados eram direcionados aos cofres estrangeiros. Devido à luta do rei Ezequias de tentar sair do domínio assírio, foram impostas ao povo cargas maiores, sobrecarregando ainda mais o povo, conforme relato:

nessa época, havia uma tributação duplamente onerosa, pois o tributo deveria sustentar o Estado judeu e pagar ainda o tributo exigido pelo império assírio, ao qual Judá estava subordinada. Assim os camponeses se viam obrigados a tomar empréstimos para sobreviver e se ficassem impossibilitados de pagar esses empréstimos, chegavam à dura condição de perder suas terras e casas para pagamento das dívidas contraídas. Uma classe de homens ricos, com o poder político e econômico nas mãos, aproveitou essa crise econômica para

traçar planos inescrupulosos no sentido de ficarem mais ricos, juntando campo a campo e casa a casa (Is 5.8) (LOPES, 2010, p. 52).

A história da sociedade da época de Miqueias é uma história de luta contra todo o abuso por parte dos governantes. O povo camponês, além de estar sobrecarregado por taxas elevadas devido à dívida externa e interna que o amedrontava, era convocado a lutar e defender suas terras contra a invasão assíria (LOPES, 2010, p. 53). Rossi (2008, p. 43-45) nos mostra que a realidade dominadora do mundo assírio não era somente a conquista passageira dos territórios à sua volta, e, sim, a posse definitiva dos mesmos pelo Estado assírio. O exército assírio, com sua atividade brutal no Oriente Próximo, trouxe aos Estados menores e, principalmente a Israel, um clima de terror e medo. Uma dominação violenta e enérgica que causou ao povo camponês duro encargo tributário além de uma vida de escravidão ao império assírio. O imperialismo assírio, com toda sua gama de maldades e força militar, deixou marcas profundas nas cidades saqueadas e, se isso não bastasse, levaram muitos dos povos para o cativeiro. O império assírio é visto por Israel como um império cruel e mentiroso, conforme relata Naum 3.1-7:

ai da cidade sanguinária, toda cheia de mentiras e de roubo e que não solta a sua presa! Eis o estalo de açoites e o estrondo das rodas; o galope de cavalos e carros que vão saltando; os cavaleiros que esporeiam, a espada flamejante, o relampejar da lança e multidão de traspassados, massa de cadáveres, mortos sem fim; tropeça gente sobre os mortos. Tudo isso por causa da grande prostituição da bela e encantadora meretriz, da mestra de feitiçarias, que vendia os povos com a sua prostituição e as gentes, com as suas feitiçarias. Eis que eu estou contra ti, diz o Senhor dos Exércitos; levantarei as abas de tua saia sobre o teu rosto, e mostrarei às nações a tua nudez, e aos reinos, as tuas vergonhas. Lançarei sobre ti imundícias, tratar-te-ei com desprezo e te porei por espetáculo. Há de ser que todos os que te virem fugirão de ti e dirão: Nínive está destruída; quem terá compaixão dela? De onde buscarei os que te consolem?

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Rossi (2008, p. 50-53) esclarece, com o passar do tempo e de novas conquistas, o exército assírio foi cada vez mais se aperfeiçoando e adquirindo habilidades e técnicas, tornando-se, assim, um inimigo poderoso e temido. Por volta de 722, Israel, não resistindo mais às investidas do exército assírio, foi tomado e Sargão II deportou 27.290 samaritanos. Foi uma dominação com raízes econômicas, sociais, político-militares e religioso-ideológicas. O autor citado declara ainda, para os negócios do império dar certo eram necessário duas administrações, uma central e a outra provincial, como segue:

a administração central estava diretamente ligada à figura do rei, e era composta por um corpo de administradores experientes- a hierarquia até Salmanasar V era assim constituída: rei, general, arauto do palácio, administrador dos templos, governadores das províncias, precedidos pelo governador de Assur. Os detentores de títulos de nobreza, além de funções no palácio, administravam províncias periféricas do Império, enquanto que a administração provincial era confiada a um Governador ou ‘chefe de circunscrição’. O governador dispunha de tropas para manter a ordem e garantir a cobrança de impostos, entrega de matérias-primas e recrutamento para corvéia e exército. As províncias deveriam enviar relatórios à corte que verificava a veracidade do conteúdo por meio de inspetores enviados da metrópole (ROSSI, 2008, p. 52).

Na análise de Balancin e Storniolo (1990, p. 18-20), a situação do povo camponês era cada vez mais difícil. Se não bastassem os problemas com a corrupção interna, eles ainda enfrentavam grandes investidas dos estrangeiros, principalmente a Assíria que estava querendo se apossar da Palestina que era uma rota importante para se chegar ao Egito, outra potência que pretendiam conquistar. Em uma das investidas dos assírios a região onde morava o profeta Miqueias foi assolada de um extremo a outro, colocando a capital Jerusalém em perigo. O interessante nisso tudo é a existência de um grupo formado por pessoas da cidade que, aos poucos, tomam posse das propriedades dos camponeses, quando estes estavam ausentes, provavelmente em batalhas, lutando pela nação. Miqueias 2.1-2 registra essa situação: “Ai daqueles que, nas suas camas, planejam a injustiça e tramam o mal... cobiçam campos, e os roubam; querem uma casa, e a tomam. Assim oprimem ao homem e à sua família, ao proprietário e à sua herança”. Podemos chamar esse grupo de latifundiários, detentores do poder econômico que não tinham respeito por nada nem por ninguém e, para satisfazerem o ego, usavam de variados métodos violentos, conforme relatado em Miqueias 2.8-10.

Os latifundiários roubavam os camponeses, tinham os mesmos como inimigos, pois saqueavam suas terras para a expansão de seus territórios e aumento de suas posses. Não respeitavam suas mulheres e filhos e faziam deles escravos. Cobravam juros absurdos que levavam os mesmos a se endividarem tanto, que se tornava difícil pagar a dívida. Para os autores citados, os latifundiários eram “aproveitadores da situação difícil do povo, quanto pior o povo estiver, mais fácil se torna conseguir o que eles desejam” (BALANCIN e STORNILOLO, 1990, p. 20).

Para Jensen (2009, p. 170), o teor fundamental e relevante na mensagem de Miqueias era a preocupação com a justiça social, assim como era o profeta Amós. Porém, não deixava de se preocupar com outras questões de cunho

político e religioso. Ele observava o que ocorria nas grandes cidades de Samaria e Jerusalém (Mq 1.5-6; 3.12), onde a corrupção estava em pleno auge e a devastação era diretamente direcionada para os indefesos. Miqueias agia como porta-voz de seu povo camponês e, por isso, dirigia com toda a veemência sua mensagem às autoridades das classes governamentais de Jerusalém.

A mensagem de Miqueias, conforme Gottwald (1988, p. 354), é um ataque direcionado aos centros urbanos de Samaria e de Jerusalém, um lugar manchado e palco de furtos e assassinatos de pessoas indefesas. Temos registros em Miqueias (1.2-7) que assim relatam:

ouvi, todos os povos, prestai atenção, ó terra e tudo o que ela contém, e seja o Senhor Deus testemunha contra vós outros, o Senhor desde o seu santo templo. Porque eis que o Senhor sai do seu lugar, e desce, e anda sobre os altos da terra. Os montes debaixo dele se derretem, e os vales se fendem; são como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam num abismo. Tudo isto por causa da transgressão de Jacó e dos pecados da casa de Israel. Qual é a transgressão de Jacó? Não é Samaria? E quais os altos de Judá? Não é Jerusalém? Por isso, farei de Samaria um montão de pedras do campo, uma terra de plantar vinhas; farei rebolar as suas pedras para o vale e descobrirei os seus fundamentos. Todas as suas imagens de escultura serão despedaçadas, e todos os salários de sua impureza serão queimados, e de todos os seus ídolos eu farei uma ruína, porque do preço da prostituição os ajuntou, e a este preço volverão.

Gottwald declara que a mensagem de Miqueias, além da preocupação com os centros urbanos, foi direcionada especificamente contra os chefes políticos e religiosos que eram responsáveis pela “deterioração da antiga ordem tribal de igualdade comunal”. Ele anuncia o juízo de Javé contra os ricos e poderosos que estavam violando as pessoas e suas propriedades, deixando-as despidas e sem forças para lutar (GOTTWALD, 1988, p. 354).

Para Zabatiero (1996, p. 53-55), a mensagem de Miqueias foi de denúncia e ameaça contra os poderosos detentores do poder que acumulavam terras e riquezas, além de roubar e cobiçar os campos dos camponeses. Para Zabatiero, esses detentores do poder são os pequenos proprietários de terras que eram a maioria em Judá. Que no decorrer da monarquia e com o sucesso econômico, os mesmos adquiriram influência política e aproveitaram da situação, participando do comércio internacional e, com isso, obtiveram grandes somas de dinheiro que lhes dava condições de fazer empréstimos para aqueles que estavam em condições precárias. Toda essa situação é interpretada por Miqueias como “opressão”. Vemos em Miqueias 2.1,2:

Ai daqueles que, no seu leito, *imaginam* a iniquidade e *maquinam* o mal! À luz da alva, o praticam, porque o poder está em suas mãos. Se *cobiçam* campos, os *arrebata*m; se casas, as *tomam*; assim, fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à sua herança.

Prosseguindo, Zabatiero (1996, p. 53-55) a esse respeito, afirma “que o verbo hebraico usado aqui é um dos vários termos hebraicos para a ‘opressão’, (verbo oprimir) frequentemente usado com o verbo ‘roubar’, e indica um processo de extorsão, de aquisição ilegítima de um bem com uso da força”. Eles imaginavam a maldade em seus leitões, planejavam uma conspiração no amanhecer para cobiçar e tomar definitivamente as terras dos camponeses. Os poderosos pensam somente em seus desejos próprios e se esquecem de praticar a solidariedade para com seu próximo, rompendo, assim, a ética comunitária, além de violar os direitos que outrora foram estabelecidos desde os tempos da origem de Israel, conforme relato em 1Reis 21 que diz: “Porém Nabote disse a Acabe: Guarde-me o SENHOR de que eu te dê a herança de meus pais [...]”. A herança de cada família era direito estabelecido na organização tribal e contra todo esse mal planejado e executado pelos detentores do poder, Javé executaria a sentença de juízo.

A atenção de Miqueias concentra-se na cidade de Jerusalém e sua posição rígida é dirigida à violência contra os pobres e fracos. Nisso tudo é possível distinguir algumas peculiaridades na profecia de Miqueias conforme afirmam os autores citados:

a condenação do pecado é ponto-chave que Miqueias apresenta para fazer a distinção entre sua mensagem e a dos falsos profetas de sua época (3.8). Por outro lado, certos aspectos estimados por estes estão ausentes do ministério daquele: e.g, a adivinhação (3.6), as visões extáticas (3.7) e o recebimento de dinheiro em troca de palavras proféticas (3.5,11). Sua mensagem é penetrante, destaca 3 virtudes (6.8) e exige que se ande com Deus (4.5). A reação de Miqueias diante da profecia por si mesmo proferida da realidade de sua época é claramente manifesta em 2.7 e em 7.1-7, bem como em seu arroubo de louvor em 7.17-20 (BAKER; ALEXANDER; STURZ, 2006, p. 158).

Na interpretação de Sicre (2008, p. 278), Miqueias foi um grande defensor da prática da justiça. Sua mensagem era dirigida especialmente àqueles que se apropriavam indevidamente de casas, campos do povo e os oprimia. O povo era visto como “carne” que servia de alimento para as autoridades (Mq 3.1-4), e sangue que servia para construir toda a grandeza de Jerusalém (Mq 3.9-11). Para Miqueias, essa atitude das autoridades era

como uma afronta contra seus semelhantes, uma exploração brutal, tirando-lhes até a pele do corpo, deixando-os despidos e sem forças para reagir. A brutalidade dos poderosos incluía crimes também contra o povo, ou seja, eram desprovidos completamente de toda a liberdade. Era uma sociedade dividida: de um lado os poderosos proprietários de terras, autoridades civis, militares, juízes, sacerdotes e falsos profetas, de outro lado o povo, vítima de todas essas crueldades.

Zabatiero (1996, p. 38-39) declara que Miqueias denuncia especificamente os pecados do Estado contra o povo camponês e contra a comunidade (cf. Mq cap. 2 e 3). Uma sentença de caráter genérico em que denuncia Samaria de forma a compará-la com Judá. Fala do “crime” de Israel, que é Samaria, e dos “altos” de Jacó que é Jerusalém. Com isso o profeta enfatiza que o que estava em julgamento é a forma opressora com que o Estado governava a vida do povo. Naquele tempo, a idolatria praticada pelos Estados implicava severamente na relação Estado-povo, pois cada cidade tinha seu próprio deus e suas formas de conduzir o povo, além do que a idolatria era vista como forma de manutenção do regime imperialista, devido à prática das tributações impostas ao povo que, por sua vez, levava à prática de uma teologia enganadora, onde não se conseguia enxergar o sofrimento do povo nem discernir entre justiça e injustiça. Zabatiero (1996, p. 39) afirma:

a teologia pode ser um instrumento de falsificação da realidade, um meio para enganar as pessoas, fazendo com que elas não consigam enxergar os verdadeiros problemas e suas verdadeiras causas. Quando o Estado ‘trocava’ de deus, ou trocava de conceito de Deus, mantendo o nome antigo da divindade, estava dizendo ao povo que a causa de sua miséria estava em ‘outro mundo’, e não na atuação do próprio Estado.

A prática da injustiça social e da idolatria culminaria num fim desastroso em consequência dos pecados praticados pelo Estado. Não era válida a honra e o louvor que os governantes poderosos dedicavam a Javé com seus lábios, se a justiça para com o povo ou mesmo em pôr o projeto de vida de Javé em andamento não era praticado.

A função principal era enganar e esconder do povo os motivos de sua situação miserável. Essa seria a causa pela qual o profeta Miqueias gritava por justiça, lembrando às cidades que o juízo viria, a ameaça do império assírio estava às portas e seriam derrotados pelos invasores, como castigo de sua desobediência. As cidades do interior de Judá sofriam devido ao pecado de Jerusalém. Com a invasão do exército assírio, muitas cidades foram destruídas, mataram muitas pessoas e o profeta Miqueias lamenta por toda essa

situação. Ele chora amargamente pelo pecado do Estado e as consequências que o povo estava sofrendo por tudo isso, vê a situação da população rural e constata que o resultado dessa opressão militarista gerou duros encargos e forte opressão para a população. Zabatiero (1996, p. 48,49) constata ainda que o povo camponês pagava mais impostos para sustentar o próprio exército, facilitando as condições de contratar mais mercenários estrangeiros para servi-lo, além de contribuir também para o aumento de soldados, dos quais muitos saíam do meio do povo, ou seja, seus próprios filhos. Também os chefes de suas famílias eram privados do trabalho, do cuidado de suas terras e do convívio com suas famílias e mulheres conforme registro em Miqueias 2.6-11. O profeta Miqueias, portanto, condena o militarismo interno e o imperialismo assírio, pois o sofrimento e a exploração eram contra o povo simples das vilas, com todos os encargos de tributação, separação dos membros da família, de suas terras, destruição e mortes. Isso tudo devido à ganância, e a injustiça social do Estado opressor.

Segundo Kessler (2009, p. 142-143), a crítica social tanto de Isaías como Miqueias (século VIII) fundamenta-se especificamente na:

Concentração de propriedades nas mãos de poucos (Is 5.8; Mq 2.1s). Nisso se trata de um processo dinâmico, que ainda não chegou a seu fim. A velha ordem, imaginada como ideal, de cada casa possa trabalhar sobre terra própria está sendo destruída. O meio para isso é o endividamento. O resultado é a perda de propriedade e liberdade dos antigos proprietários. Nisso Miqueias enfoca as mulheres e as crianças como vítimas deste desenvolvimento (2.9s). Diferentemente de Amós e Miqueias, em Isaías também ‘viúvas e orfãos’ são enquadradas como *personae miserae*, que são destituídos de seu direito (Is 1.21-26) e passam para o poder de outros (10.1s). O perfil da elite que é acusada pelos desmandos (Is 3.14s). Denúncias contra os poderosos econômicos (Mq cap. 2); ‘cabeças e dirigentes’ (Mq cap. 3). O quadro é completado com a denúncia de que esta elite leva uma vida de luxo (Is 5.11s).

Seguindo a mesma percepção, Bright (2003, p. 337-338) concorda que tanto Isaías como Miqueias denunciam duramente os grandes proprietários de terras que usavam de mecanismos desonestos e expropriavam os pobres e disso temos registros em (Is 3.13-15; 5.1-7,8; Mq 2.1-9). O mais difícil para essas vítimas era que não havia a quem recorrer, devido à corrupção dos juízes (Is 1.21-23; 5.23; 10.1-4; Mq 3.1-4,9-11). Os ricos viviam no luxo e não tinham interesse nenhum na situação dos menos afortunados (Is 3.16 a 4.1; 5.11,20-23). O clero corrupto, sacerdotes oportunistas, e os profetas buscavam rendimentos (Mq 3.5-8,9-11). A luxúria tomou conta por completo da nobreza (Mq 2.11; Is 28.7-16).

Schökel e Sicre (2002, p. 1.065-1.066) afirmam que a situação de ordem social denunciada por Miqueias imperava por toda a parte no reino de Judá. Os poderosos se apossavam dos terrenos e das casas dos mais fracos, tratavam com crueldade suas mulheres, e os filhos eram vendidos como escravos (Mq 2.1-11). O povo era tão desprezado, que para os chefes e príncipes não tinham nenhum valor, eles preferiam amar o mal e aborrecer ao bem.

Os governantes que deveriam estar do lado do povo para julgar suas causas vendiam-se aos que pagavam melhor valor. Contra eles Miqueias faz graves denúncias em decorrência do mau comportamento antissocial e pronuncia um terrível castigo (Mq 3.9-12). A estrutura política de Judá era constituída de forma monárquica, assim como os outros reinos da época de Miqueias. Havia o rei, e abaixo dele, os príncipes, autoridades hereditárias das tribos e clãs. A obrigação dos “cabeças” e “chefes”, como declara Miqueias no capítulo 3.1, era de exercer a justiça (*mishpat*) bem como ter conhecimento da lei e não usá-la para benefício próprio (Mq 3.9-11). A tribo sacerdotal também fazia parte do mesmo governo e, não havendo separação entre religião e Estado, a adoração estava sob a autoridade do rei, porém as práticas cerimoniais eram dos sacerdotes. Além dessas autoridades, a classe dos profetas também fazia parte da mesma estrutura. O ministério profético dependia do chamado de Deus e muitos deles viviam de favores dos ricos e dos poderosos. Miqueias os acusa de falsos profetas devido a se submeterem ao recebimento de “presentes” em troca das mensagens que entregavam (Mq 3.11). Porém, a missão do verdadeiro profeta era manter o vínculo com o Deus que revelava e, com isso, autenticar o ministério. A situação socioeconômica da época estava no seu clímax de crescimento e foi nessa expansão que surgiram os novos ricos, e os pequenos proprietários desapareceram à medida que esses novos ricos cresceram e acumularam bens.

Percebe-se, por exemplo, que no capítulo 3 de Miqueias as acusações são contra os líderes civis e religiosos que recebem a sentença condenatória sobre suas administrações e a forma como estavam oprimindo os povos, usando, para isso, suas ligações com as classes comerciais em ascensão para a obtenção de lucros pessoais. Os líderes religiosos deveriam praticar a justiça e a correta aplicação da lei do direito do povo. E os profetas, que possuíam a palavra de Iahweh, agiam de maneira egocêntrica, visando somente ao próprio bem e temiam falar a verdade aos líderes. Miqueias, porém, anuncia seus crimes e pecados, mostrando seu comportamento ruim e distorções morais.

Para Pixley (2008, p. 61), o problema social que Judá estava enfrentando nos relatos do profeta Miqueias não se limitava somente à casa de Davi, isto é, aos reis. Em Miqueias 1.10-16, vemos claramente o profeta pedindo a destruição das cidades da província de Judá, dentre elas, Laquish, Aczib e Gat.

Essas cidades, com certeza, eram a base do “povo da terra, constituindo-se em firme apoio à casa de Davi, e onde viviam os latifundiários que exploravam e desapropriavam as terras dos camponeses”. Para Miqueias, Javé somente poderia efetuar uma libertação do povo se o mesmo se dispusesse a uma ação organizada e entendesse que tanto os reis davídicos, bem como os senhores das cidades provinciais, eram seus opressores. Necessário seria uma nova repartição das terras (Mq 2.4-5), quando os latifundiários teriam que deixar as terras e não fazer mais parte da nova repartição.

Balancin e Storniolo (1990, p. 23,24) salientam que a estrutura da época de Miqueias, além de estar bem fundamentada, o controle da economia e parte das terras estavam nas mãos dos latifundiários que dominavam o comércio, e era composta pelas forças políticas, jurídicas, econômicas e religiosas que mantinham suas bases nas cidades. O interesse era voltado para a “exploração do campo e dos camponeses”. O dever dos chefes políticos era de proteger o povo e garantir seu bem-estar. Pois um governo “que enfraquece o povo está diretamente contra a sua função, principalmente quando esta lhe foi confiada pelo próprio povo”, esclarecem os autores citados. Miqueias também denuncia os assessores dos governantes que profetizam em troca de privilégios, dentre eles os profetas que tinham a incumbência de proteger o povo e ser porta-voz da justiça de Javé, mas que se omitem a cumprir sua missão de denúncia e aconselhamento junto aos governantes, alertando-os sobre a forma errada que governam, pois, agindo assim, desviam o foco da função original que era a preservação do direito do povo.

Diante de toda essa injustiça, o caminho tomado pelo profeta não seria outro senão o de gritar, denunciar e exigir que se fizessem transformações radicais na estrutura de um sistema que visa a beneficiar somente alguns e cuja maioria estava sofrendo e sendo empobrecida a cada dia com tantos encargos pesados em seus ombros. Com certeza, a sentença seria condenatória, como podemos perceber: “Por isso, por culpa de vocês, Sião será arada como um campo, Jerusalém se tornará um montão de ruínas, e o monte do Templo será uma colina cheia de matos!” (Mq 3.12). O fim dessa ordem social injusta estava previsto, principalmente o de suas autoridades maiores. Seria a destruição da própria estrutura montada que beneficiava a poucos e oprimia a maioria da comunidade que, com o tempo de opressão, ficou à mercê de seus líderes. O profeta traz a realidade de se voltar ao projeto de vida de Javé, deixar de praticar a violência e voltar à fidelidade ao Deus da Aliança. Isso exigia das autoridades “praticar o direito, amar a misericórdia, caminhar humildemente com o seu Deus” (Mq 6.8) (BALANCIN e STORNILO, 1990, p. 25-26).

Essa era a realidade do povo sofrido da época de Miqueias. Os que praticavam a injustiça estavam tão envolvidos na ganância que foi necessário

o grito de denúncia do profeta para uma volta à realidade, pois seus atos faziam parte de suas vidas, tornou-se corriqueiro. “Essa gente tem mãos habilidosas para praticar o mal: o príncipe exige, o juiz se deixa comprar, o grande mostra a sua ambição. E assim distorcem tudo” (Mq 7.3).

A atualidade do discurso profético de Miqueias em meio à violência e a opressão e sua relevância na atualidade

Discurso profético contra a injustiça e a desigualdade

A mensagem do profeta Miqueias é presente e atualíssima e está em todos os jornais e manchetes informando à população sobre os acontecimentos polêmicos que ocorrem nas cidades e no campo também. Sua mensagem vem ao encontro da criminalidade nas ruas e, ao mesmo tempo, denuncia os poderosos sobre a injustiça que os povos de hoje passam e sofrem por não haver quem os defenda. Como descreve Lopes, os homens poderosos continuam arrogantes como na época de Miqueias, mudaram apenas as épocas, mas a injustiça prossegue sendo praticada conforme relata o autor:

os valores morais estão sendo demolidos. As palavras sustentadoras da ética estão sendo dinamitadas. A corrupção endêmica e sistêmica está invadindo os poderes constituídos, enfiando suas garras em todos os setores da sociedade, num esquema vergonhoso de assalto ao erário público. A roubalheira é feita à luz do sol, sem nenhum pudor e sem qualquer punição. Mas a desconstrução da sociedade não está apenas no cenário político. A igreja também está perdendo sua identidade. A secularização invade as igrejas. As pessoas se tornaram cada vez mais religiosas e afastam-se cada vez mais de Deus (LOPES, 2010 p. 12).

Vivemos numa época em que é preciso surgir novos Miqueias dispostos a: nas ruas, nos templos, nos palácios, nos centros econômicos e nos bastidores do poder, gritar contra toda a injustiça praticada. Erguer a voz e clamar para uma reforma no sistema econômico, social, político e religioso, novos Miqueias que lutem contra todo o mal e toda gama de maldade, e anunciem a justiça divina que vela pelos necessitados e oprimidos.

Miqueias cumpre a missão de revelar o desejo do coração de Deus ao mostrar à comunidade de sua época e principalmente às autoridades constituídas, que a Lei divina era para proteger os desamparados, oprimidos, fracos, doentes, órfãos, viúvas, estrangeiros, mulheres e crianças, pobres, enfim todo o povo conhecido como povo de Deus. A lei expressa em Deuteronômio 15; Êxodo 23, e Levítico 19, deixava bem claro o direito à proteção de todas essas classes sociais e que as autoridades governamentais não poderiam tratá-las

como objetos que poderiam ser manipulados. Todos são considerados iguais e dignos do mesmo direito perante a lei de Deus.

Miqueias proclama dura crítica às autoridades de sua época para voltarem a praticar a justiça e o direito, pois pertenciam a eles o conhecimento e a prática das mesmas. A situação estava fora de controle, os camponeses eram subjugados na servidão, nos tributos, nas dívidas e suas terras estavam sendo tiradas. Os poderosos que detinham o poder manipulavam a situação e enriqueciam às custas dos camponeses que empobreciam cada vez mais. A desigualdade social, econômica aumentava a passos largos e a elite dominadora passou a ter o controle dos recursos, obrigando o povo do campo a viver em dificuldades (MAILLOT e LELIÈVRE, 1980, p. 140,150). Miqueias 2.1-2 deixa claro que as autoridades são culpadas pelo sofrimento do povo, pois tramam o mal e o põem em prática. Na sociedade atual é gritante a situação, vive-se a mesma realidade de injustiças e desigualdades da época de Miqueias. É necessário estabelecer critérios justos para que possamos viver todos conforme Deus ensinou, com amor ao próximo, e esse amor implica respeitar seus direitos e aquilo que pertence a ele, de maneira nenhuma se deve desejar ou até mesmo possuir. O profeta Miqueias, com toda a certeza, mostra à sociedade vigente a necessidade de agir com justiça e honestidade em todos os procedimentos da vida. É preciso manter relações com o próximo, família, comunidade e sociedade. O bem-estar coletivo é mais importante que o bem-estar individual. Quando se é egoísta, o coletivo sofre, pois só se pensa em si e se esquece dos interesses da comunidade.

Conforme ensina o Antigo Testamento: quando se perde o senso de harmonia coletivo, criam-se relações desarmoniosas tanto na família como na sociedade: a desonestidade no comércio (Dt 25.13-16); a ganância (Pv 10.2); a fraude (Pv 16.8); a mentira, em especial no tribunal (Pv 14.25); homicídios (Is 1.21); a injúria, a usura e o suborno (Sl 15). O bem coletivo é mais importante que o indivíduo sozinho, necessário é pensar comunitariamente, pois a família, grupo, igreja, comunidade, sociedade dependem das relações entre si. É preciso romper com o egoísmo e restabelecer as relações visando à coletividade para viver plena e dignamente.

Miqueias denuncia em 3.1-4 e 3.9-11 as injustiças praticadas pela liderança, e Isaías 5.8 acusa os acumuladores de terras que enriquecem às custas do pobre camponês. As atitudes injustas desses governantes é uma das causas da ruína do povo de Deus. O alerta para a nossa geração continua sendo o mesmo. Estamos perdendo os valores morais que garantem a igualdade entre todos. A lei que impera é a do mais forte sobre o mais fraco, e vence aquele que pode mais (KILPP, 2008, p. 25-38).

A mensagem de Miqueias para essa geração e para as seguintes, com certeza é a mesma pronunciada na sua época. Precisa-se agir com o desejo do coração de Deus, tratar a todos, independentemente de raça, tribo, nação, como sendo iguais a si mesmo, participantes do mesmo direito e tratamento de justiça.

Discurso profético contra a mercantilização do sagrado

Em Miqueias 3.11 lemos: “Os seus chefes dão as sentenças por presentes, e os seus sacerdotes ensinam por interesse, e os seus profetas adivinham por dinheiro; e ainda se encostam ao SENHOR, dizendo: Não está o SENHOR no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá”. A denúncia de Miqueias é clara, os sacerdotes estavam dizendo aquilo que os dirigentes e o povo queriam ouvir, mesmo que essa atitude fosse injusta, o que realmente os preocupava era manter tudo quanto eles recebiam de presentes, dinheiro. O recurso financeiro e os produtos recebidos eram mais importantes do que falar a verdade.

Maillot e Lelièvre (1980, p. 82,83) ajudam a esclarecer, dizendo:

o profeta não podia recusar-se a atender a quem a ele recorresse; seria negar-se a transmitir o que é sempre um dom; por outro lado, exigir pagamento seria tornar-se falso profeta. O dinheiro sufoca o dom, mata o carisma. [...] O dinheiro que compra tudo e pelo qual se vende tudo – homens, direito, juízes, pobres, sacerdotes, a palavra, a Torá – e que pretende comprar o próprio Deus, é o maior e o mais temível concorrente de Deus. Assim, todos esses chefes, embora quisessem a maior glória de Jerusalém, ao estabelecerem nela o império do dinheiro, preparam a própria infelicidade. Introduziram na cidade santa outro senhor, Mamon, que corrompe tudo, que faz apodrecer tudo, mas que não pode nada contra os assírios ou babilônios antigos ou modernos.

Os líderes estavam mercantilizando o sagrado, ao invés de usarem o cargo no qual estavam para promover a justiça, garantir o bem da sociedade, usavam e abusavam do cargo para benefício próprio. Os sacerdotes ensinavam por interesse, em troca de suborno, uma prática que Javé detestava, eles iam contra os princípios bíblicos, contra suas instruções sacerdotais.

Estavam interessados numa resolução imediata de seus problemas, e se percebe essas mesmas situações na sociedade atual, hoje, um enfraquecimento religioso, pois pensa somente no aqui e agora, no desejo de satisfazerem no imediato e, nessa pressa, buscam meios e mecanismos de mentiras para propagar suas mensagens em troca de benefícios que satisfazem seus egos. A corrupção chegara ao palácio e ao templo. A “política havia infectado a religião”. Tornaram-se mercenários e estavam do lado dos que praticavam

injustiças, ou seja, oprimiam o povo. Com toda a crise enfrentada pelo povo, com os males socioeconômicos introduzidos no meio do povo, a religião oficial ficava quieta e conivente, sem fazer nada a respeito. O povo cada vez mais sofria diante das situações que o oprimiam (LOPES, 2010, p. 85).

A mensagem é dura e, com certeza, relevante para os nossos dias. A comunidade cristã não pode e não deve se encaixar no sistema dominante. Ela precisa ser consolo nas horas tristes, alegria nos momentos de dor, palavra de ânimo nos momentos de desilusão. A comunidade cristã e todos os seus participantes necessitam sentir Deus na sua liderança e ver Deus em suas ações. A corrupção não pode penetrar no meio da mesma nem mesmo na mente dos líderes, para que o povo não venha a sofrer, pois uma liderança corrupta traz consigo as consequências para si mesmas e para o povo que lidera.

Discurso profético para voltar às origens e praticar o projeto de Javé

Para Miqueias a restauração de Judá faria somente uma volta às origens humildes da dinastia davídica que foi originária de Belém. Os falsos profetas discordam e dizem que a paz seria implantada com a guerra e a vitória de Judá sobre a Assíria. Novamente o profeta relembra a sociedade dividida, de um lado os donos de terra, as autoridades civis e militares, juízes, sacerdotes e falsos profetas; enquanto que de outro lado estava somente o povo, o povo de Iahweh, vítimas da “teologia opressora” da época (SILVA, 1998, p. 118).

Então o profeta anuncia que haverá um julgamento contra Israel, quando ele convoca a criação como testemunha, lembrando os acontecimentos do processo de libertação do povo desde o êxodo no Egito até Gilgal. Israel por sua vez tenta reparar sua culpa com sacrifícios de animais e cereais e eles cogitaram até no sacrifício do primogênito. Quando o profeta declara no versículo 8 de Miqueias 6 o que foi exigido de Israel, é como derrubar os alicerces em que a teologia israelita estava firmada, que assim diz: “Foi-te anunciado, ó homem, o que é bom, e o que Iahweh exige de ti: nada mais do que praticar o direito (*mishpát*), gostar da solidariedade (*hesed*) e caminhar humildemente com o teu Deus” (SILVA, 1998, p. 119).

Miqueias 6.9-16 enfatiza novamente os pecados de Jerusalém (ou Samaria) ou podemos afirmar que as duas cidades estavam envolvidas no mesmo processo de acusação, pois, no seio de suas administrações abrigavam o enriquecimento injusto, as fraudes de pesos e medidas, além da prática da violência e a falsidade. Por isso são chamadas para o arrependimento e reconhecimento da soberania de Iahweh (SILVA 1998, p. 118-120). A realidade é muito parecida, com tristeza se admite, muitos líderes têm enriquecido exigindo do povo ofertas e mais ofertas que, no final das contas é como o

sistema tributário da época de Miqueias, pois em troca de “favores de Deus”, “bênçãos recebidas”, exigem certa quantia para determinados benefícios que, posteriormente, receberão. Para cada tipo de bênção varia a quantidade de dinheiro investido. Com toda a certeza, a mensagem encaixa perfeitamente. O povo está sendo fraudado em todos os aspectos da vida religiosa.

Maillot e Lelièvre (1980, p. 149-150) enfatizam em sua análise de Miqueias 6.8, que voltar a praticar a vontade de Iahweh consistia em prestar o verdadeiro culto: “Agir com justiça, preferir a lealdade e caminhar humildemente de acordo com Deus”. A exigência de praticar a justiça trata diretamente das relações com o próximo, não se pode agir com diferenças de valores, as relações deverão ser praticadas mutuamente. A lealdade é a fidelidade à Aliança, ser fiel na adoração a Deus, implica em “amar essa fidelidade e não simplesmente praticá-la”. A última exigência é o portar-se como verdadeiro crente, ou seja, agir com coração puro e humilde dentro do projeto de vida de Iahweh.

O compromisso social da comunidade cristã, conforme afirma Miqueias em seus pronunciamentos, é um compromisso voltado para o povo, o empobrecido por esse sistema capitalista e explorador. A mente e o coração de cada integrante da comunidade cristã precisam ser o compromisso e responsabilidade com o próximo. Não se pode nem se deve deixar prevalecer o poder econômico, poder político, poder cultural e muito menos o poder de adquirir bens por meio da violência e opressão.

A Bíblia, com certeza, foi escrita para ensinar esse compromisso social e, quando não se age conforme ela adverte, se está sendo cúmplice, corrupto e agindo da mesma maneira que os líderes da época de Miqueias. Vale a pena resgatar algumas de suas palavras: “Ai daqueles que, nas suas camas, intentam a iniquidade e maquinam o mal; à luz da alva o praticam, porque está no poder da sua mão! E cobiçam campos, e os arrebata, e casas, e as tomam; assim fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à sua herança” (Mq 2.1,2). Ou ainda: “Mais disse eu: Ouvi agora vós, chefes de Jacó, e vós, príncipes da casa de Israel: não é a vós que pertence saber o direito? A vós que aborreceis o bem e amais o mal, que arrancais a pele de cima deles e a sua carne de cima dos seus ossos, e que comeis a carne do meu povo, e lhes arrancais a pele, e lhes esmieuçais os ossos, e os repartis como para a panela e como carne do meio do caldeirão” (Mq 3.1-3).

Referências

BAKER, David W.; ALEXANDER, T. Desmond; STURZ, Richard J. **Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2006.

- BALANCIN, Euclides M.; STORNILOLO, Ivo. **Como ler o livro de Miquéias**. São Paulo: Paulinas, 1990.
- BRIGHT, John. **História de Israel**. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- GOTTWALD, Norman K. **Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica**. São Paulo: Paulus, 1988.
- JENSEN, Joseph. **Dimensões éticas dos profetas**. São Paulo: Loyola, 2009.
- KESSLER, Rainer. **História social do antigo Israel**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- KILPP, Nelson. **Espiritualidade e compromisso: dez boas razões para... orar, praticar a justiça, cuidar da criação, acolher o outro, compartilhar**. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia: histórias antigas de Israel**. São Paulo: Paulus; Loyola, 2008.
- LOPES, Hernandes Dias. **Miquéias: a justiça e a misericórdia de Deus**. São Paulo: Hagnos; 2010.
- MAILLOT, A; LELIÈVRE, A. **Atualidade de Miquéias**. São Paulo: Paulinas, 1980.
- PIXLEY, Jorge. **A história de Israel a partir dos pobres**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Cultura militar e de violência no mundo antigo: Israel, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia**. São Paulo, Annablume, 2008.
- SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ J. L. Sicre. **Profetas II: Ezequiel – doze profetas menores – Daniel – Baruc – cartas de Jeremias**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SILVA, Airton José da. **A voz necessária: encontro com os profetas do século VIII a.C**. São Paulo: Paulus, 1998.
- SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Reles os profetas (notas sobre a releitura da profecia bíblica). **Estudos Bíblicos**, Petrópolis: Vozes, n. 4, p. 8-32, out./dez. 1984. (3. ed. 1987).
- WILSON, Robert R. **Profecia e sociedade no antigo Israel**. 2. ed. São Paulo: Targumin; Paulus, 2006.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Miquéias: voz dos sem-terra**. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1996.

Submetido em: 2-1-2013

Aceito em: 22-10-2013